

# FORMAÇÃO ESCOLAR DE GRAMSCI: ESCOLHA DA PROFISSÃO (Sardenha e Turim, 1891-1915)<sup>1</sup>

Paolo Nosella<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto é a primeira parte de um *work in progress*, isto é, de um estudo em desenvolvimento, cujo escopo geral é identificar, na experiência e reflexão de Antonio Gramsci, o que influenciou na sua escolha profissional de jornalista e na elaboração da proposta de *Escola unitária*. Assim, neste, examinaremos seu percurso formativo escolar, na Sardenha e na Universidade de Turim (1891-1915), uma vez que sua vivência como aluno foi certamente referência importante tanto em sua escolha profissional quanto na elaboração de sua proposta formativa da Escola Unitária.

**Palavras-chave:** Antonio Gramsci. Formação Escolar. Escola Unitária

**ABSTRACT:** This text is the first part of a work in progress, that is, of a study in development, whose general scope is to identify, in the experience and reflection of Antonio Gramsci, what influenced his professional choice of journalist and in the elaboration of the proposal of Unitarian school. In this way, we will examine his formative course in Sardinia and the University of Turin (1891-1915), since his experience as a student was certainly an important reference both in his professional choice and in the elaboration of his Unitarian School formative proposal.

**Keywords:** Antonio Gramsci. formative transcourse. Unitary School.

## Hábitos escolares familiares e educação infantil

Mas é necessário começar de tão longe? Sim, porque hábitos escolares da família constituem referência básica na trajetória escolar de toda e qualquer pessoa. Nas primeiras páginas da obra *Vita di Antonio Gramsci*, de Giuseppe Fiori (1977), há relatos testemunhais indispensáveis sobre a escolarização da família Gramsci. O irmão mais velho de Antonio, Gennaro, oferece um depoimento sobre a família do avô paterno, também de nome Gennaro:

Com a queda do regime borbônico, vovô foi enquadrado na arma dos carabineiros, sempre com patente de coronel. Morreu moço. Dos cinco filhos, a única mulher casou-se com Riccio de Gaeta,

---

<sup>1</sup> O texto, publicado na *Rivista di Studi Italiani (RSI)*, está disponível em <http://www.rivistadistudiitaliani.it/rivista.php>, sob o título “*Gramsci a scuola- Sardenha e Torino 1891-1915*”. Nesta, foi ampliado.

<sup>2</sup> Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. As traduções para o português dos textos originariamente em língua italiana são de minha autoria.

um senhor abastado. Dos homens, um era funcionário do Ministério das Finanças, outro inspetor das Ferrovias após ter sido chefe da estação de Roma e um terceiro, tio Nicolino, oficial do exército. Papai foi o menos afortunado. Por ocasião da morte do vovô, estudava Direito. Forçado a encontrar um trabalho, surgiu a ocasião de um emprego na Sardenha, no cartório de Ghilarza, e partiu. (...). A família de nosso pai era, portanto, a típica família meridional de boas condições que fornece os quadros intermediários à burocracia do Estado. (Fiori, 1977,14).

Desse depoimento, destacamos o fato do pai de Gramsci, Francisco (*Cicillo*), ter sido estudante de Direito, cujo curso, todavia, precisou abandonar no terceiro ano. Portanto, era quase bacharel e tinha, obviamente, o diploma do Liceu Clássico. Também a mãe de Gramsci, Peppina Marcias (*Josephine*), não era de família humilde. É lembrada em vários depoimentos como mulher elegante e distinta:

Frequentou a escola até o terceiro ano primário e lia um pouco de tudo, até Boccaccio.<sup>3</sup> Sabe-se que, por aqueles tempos, essa particularidade de saber ler e escrever era -- sobretudo numa mulher -- motivo de distinção. (Fiori, 1977, 11).

Essas informações comprovam que os hábitos escolares da família Gramsci eram os típicos das tradicionais famílias de classe alta e média da Itália meridional no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Ou seja, dentro da organização escolar definida pelo Título III da Lei Casati (1859), o percurso escolar “natural”, sobretudo para os homens, na família de Gramsci era a Instrução Secundária, que articulava o ginásio e o liceu clássico, caminho principal para a Universidade.

O pai, mesmo quando a situação econômica se tornou fortemente precária, jamais impôs aos seus sete filhos<sup>4</sup> o abandono da Instrução Secundária Clássica, nem levantou a possibilidade de mudar esse percurso humanista para um sistema escolar subalterno, “inferior”, como seria a instrução técnica profissionalizante. Ao contrário, apesar da forte contraposição entre pai e filho (pelo fato do pai não lhe providenciar financeiramente o mínimo necessário combinado), deve-se admitir que a frequente correspondência de

---

<sup>3</sup>Giovanni Boccaccio é um clássico da literatura italiana (1315-1375), característico também pelo estilo licencioso.

<sup>4</sup> Gennaro (1884), Grazietta (1887), Emma (1889), Antonio (1891), Mario (1893), Teresinha (1895), Carlo (1897).

Antonio com o pai, informando-o sobre os resultados do desempenho escolar, testemunha a concordância paterna para que o filho não interrompesse a escolarização humanista, de cultura geral: 5 anos de escola primária, 5 de ginásio com latim e grego, 3 de liceu clássico e, finalmente, a universidade.

Após uma semana do nascimento, em 1891, Antonio Gramsci (*Nino*) foi batizado com muita festa e doces (Fiori, 1977). Com quatro anos, foi matriculado na escola materna ou asilo infantil das freiras, na cidade de Sorgano.

O pai, ao falecer seu irmão Nicolino, que morava na cidade de Ozieri, foi para o enterro (dezembro de 1898), pretendendo inclusive “providenciar à continuação dos estudos de Gennaro, hóspede até então do tio” (Fiori, 1977, 15). Foi, infelizmente, essa sua rápida ausência de Sorgano que possibilitou ao grupo local de oposição política invadir o Cartório Cadastral por ele dirigido, com a finalidade de encontrar algum pretexto para tirá-lo do cargo. De fato, encontraram.

De volta da Ozieri, o pai Francisco Gramsci foi informado de um processo administrativo contra ele. Talvez admitisse alguma pequena falta, ‘*de leve valor*’,<sup>5</sup> conforme sentenciara o Juiz que, entretanto, o condenou a cinco anos, oito meses e vinte e dois dias, perdendo o emprego e todo o salário. Em 9 de agosto de 1898, foi levado à prisão. (Fiori, 1977, 15-16).

A mãe, com sete filhos, mudou-se então para Ghilarza, cidade de sua família de origem. Antonio, legalmente, deveria iniciar a Escola primária com seis anos, mas, devido às precárias condições de saúde (mal de Pott, que lhe causou uma má formação física nas costas), iniciou o primário somente com sete anos (outubro de 1897), numa classe de 49 alunos. Seu primeiro professor foi Ignacio Corria. A mãe o seguia nos estudos: “Era sempre o melhor da classe. As notas variavam, nestes primeiros anos, entre 10 e 9” (Fiori, 1977, 19). No segundo ano, seu novo professor foi Celestino Baldussi. (Gramsci, 2009, 423). Por ser excelente aluno, podia prestar os exames [*di proscioglimento*] que lhe permitiriam pular o terceiro ano passando diretamente para o quarto. Infelizmente, não conseguiu sequer prestar os exames:

---

<sup>5</sup> Entretanto, hoje, sabe-se que a falta “*de leve valor*” não foi única; foram frequentes.

Quando Nino apresenta formalmente a solicitação, o diretor pedagógico lhe pergunta com um ar fechado e duro: ‘Mas tu conheces os 84 artigos do Estatuto?’ [Espécie de Constituição outorgada pelo Rei]. Nino estudara com empenho o livro do texto, mas não soube responder àquela pergunta e, esmagado pela humilhação, volta para casa, desconsolado, e renuncia ao exame. (Lajolo, 1982, 17).

Esse fato autobiográfico será lembrado por ele no artigo *La luce che si é spenta* (A luz que se apaga) publicado no jornal *Il grido del popolo*, Turim, 20 de novembro de 1915. O mesmo fato voltará a ser lembrado, com graciosos e irônicos comentários, na carta do cárcere a Tatiana de 2 de janeiro de 1928: “Nem lembrava aqueles 84 artigos: tinha-me limitado a estudar as noções de ‘direitos e deveres do cidadão’ contidas no livro de texto” (Gramsci, 1975, 165).

No terceiro ano primário, seu professor foi Luigi Cossu e, no quarto, Pietro Sotgiu, Diretor didático da Escola, o mesmo dos 84 artigos do Estatuto. Tinha onze anos e já, no verão de 1902, a exemplo do o irmão Gennaro, precisou trabalhar na Agência dos Impostos Diretos e do Cadastro da cidade (Cartório de registro de imóveis). Trabalhando 10 horas todo dia, incluindo a manhã dos domingos, ganhava nove liras mensais (o que significava um quilo diário de pão). Mexia livros-registros que pesavam mais do que ele. Muita noite chorava às escondidas porque todo o corpo doía. (Fiori, 1977, 29).

No ano escolar que vai de outubro de 1902 a junho de 1903<sup>6</sup>, frequentou o quinto primário, concluindo com notas dez em todas as disciplinas (composição – ditado – aritmética escrita e oral – leitura explicada das coisas lidas e noções gramaticais – história e geografia) e recebeu o diploma da licença elementar (Fiori, 1977, 34).

Os biógrafos assinalam que Gramsci possuía forte inclinação para leitura e estudo, mas também gosto e habilidade para as atividades práticas: construiu para si uma ducha especial, barcos, carrinhos, os brinquedos e até instrumentos para os exercícios físicos. (Fiori, 1977, 19-20).

---

<sup>6</sup>Os anos escolares, na Itália, vão de outubro de um ano a junho do ano seguinte. Julho, agosto, setembro, meses de verão, não havia aula.

### **Terceiro, quarto e quinto ano de ginásio<sup>7</sup> (outubro 1905 – junho 1908)**

O pai ainda estava na prisão e em Ghilarza não havia ginásio. Era materialmente impossível enviar Antonio para estudar fora da cidade. Continuaria a trabalhar no cadastro (cartório), até que o pai voltasse. Nas frestas de tempo que o emprego permitia, estudava latim por sua própria conta, ajudado por um amigo que já havia cursado o ginásio. Visava, obviamente, continuar sua escolarização. Foram dois anos de espera. (Fiori, 1977, 31-32).

Em 1904 (31/01), o pai saiu da cadeia (a pena havia sido reduzida em três anos por uma anistia) e voltou à família. Lentamente, ajudado pela simpatia dos vizinhos que consideravam exagerada a condenação por um crime de fundo político (Fiori, 1977, 47), foi reabilitado no cartório cadastral, desempenhando função secundária.

Em outubro de 1905, Antônio pôde estudar no Ginásio Carta-Meloni de Santu Lussurgiu, a 18 km. de Ghilarza. Desta vez, conseguira pular o primeiro e segundo ano, prestando os exames de admissão para matricular-se diretamente no terceiro ano. A escola era um pequeno Ginásio municipal “onde três professores faziam o melhor para ensinar todas as disciplinas a cinco classes.” (Lajolo, 1982, 19). Um engenheiro ensinava as matérias científicas e a língua francesa. As disciplinas literárias eram ensinadas por professores suplentes. Muitas vezes, Gramsci lamentará as precárias condições dessa escola, imputando a isso a atrofia de suas “acentuadíssimas” tendências pelas ciências exatas e pela matemática:

Eu tinha acentuadíssimas tendências pelas ciências exatas e pela matemática, desde garoto. As perdi durante os estudos ginasiais, porque não tive professores preparados. (Gramsci, 1975, 201).

As condições de vida, longe da família (de segunda feira a sábado), eram precárias. Precisava dar aula particular para sobreviver. Nos fins de semana, voltava para casa e a mãe implicava com ele ao saber que vendia a comida para adquirir livros e jornais. O pai questionava o conteúdo ideológico político (socialista) dos jornais e revistas que Nino

---

<sup>7</sup> O “ginásio” corresponde hoje no Brasil ao ensino fundamental.

recebia de Turim, enviados pelo irmão mais velho que lá prestava serviço militar frequentando o círculo político do Partido Socialista:

Para evitar as discussões, Antonio pediu ao carteiro que o jornal *Avanti* e outro material que Gennaro enviava lhe fossem entregues pessoalmente, escondidos do pai. Assim, cada vez menos se falou de política naquela casa. (Fiori, 1977, 48).

Essas primeiras experiências escolares de Gramsci lhe ensinaram quão abstratas e oportunistas são as concepções pedagógico-didáticas que apregoam haver, sempre, em todo caso, integração ou articulação entre o tempo/estudo e o tempo/emprego, indiscriminadamente, chamado “trabalho”. Na verdade, nem todo “emprego” é “trabalho”, assim como nem sempre existe “integração” quando os dois tempos, o da escola e o do emprego, conflitam entre si, um danificando o outro.<sup>8</sup>

Certamente, havia “integração” entre teoria e prática quando Antonio alternava as atividades de estudo com suas práticas criativas, como a invenção de um chuveiro ou de brinquedos, havia, entretanto, “desintegração” (conflito) quando não podia estudar porque precisava estar no Cartório carregando pesados livros de um lugar para outro. “Desintegração” também haverá quando impedido de estudar porque forçado a repetir “*ad nauseam*” aulas particulares de latim e de matemática.

Pensando nos dias de hoje, quando necessidades (e/ou ilusões) forçam ou induzem crianças e adolescentes a abandonar (ou afrouxar) o trabalho-do-estudo para se aplicarem a repetitivas operações manuais (ex. empacotar mercadorias em supermercado ou atender clientes atrás do balcão de loja etc.), não há nestes casos integração, mas danificação do tempo do estudo, prejuízo na formação das crianças e dos jovens. Certamente, foi pensando nisso que, na proposta de escola unitária, mais tarde, no cárcere, Gramsci escreveria:

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família para a manutenção dos alunos, o que muda totalmente o orçamento do Ministério da Educação Nacional, ampliando-o e complexificando-o de forma extraordinária: a completa função da educação e formação das

---

<sup>8</sup> Em 1916, criticando falsas integrações entre escola e fábrica escreverá: “Façam com que a escola seja realmente escola e a oficina não seja uma masmorra, e então tereis uma geração somente de homens úteis” (Gramsci, 1980, 537).

novas gerações passa de privada para pública, porque só assim ela pode envolver todas as gerações sem divisões de grupos ou castas. (Gramsci, 1975a, 1534).

Todavia, em que pese a grande precariedade daquele modestíssimo ginásio, foi essa instituição que garantiu a continuação do percurso escolar de Gramsci, na orientação clássico-humanista:

O contabilista Marco Massida, colega de banco escolar, lembra: [Antonio] era um jovem tranquilo e de bom coração e feliz de poder ajudar os colegas. ‘Foi sempre o primeiro da turma em todas as disciplinas, e nas composições era maravilhoso’. (Fiori, 1977, 46).

O “natural” destino escolar de Antonio foi o Liceu Clássico. Mas, a escola ginásial municipal de Santu Lussurgiu não conferia o diploma de licença ginásial<sup>9</sup>. Por isso, em julho de 1908 (tinha 17 anos), dirigiu-se ao Régio Ginásio Salvador Angelo de Castro, em Oristano, para prestar os exames e conseguir a Licença Ginásial. Ficou para recuperação em francês escrito (nota 3). Em francês oral, tirou nota 6. Em outubro, recuperou, conseguindo nota suficiente. Nas demais disciplinas, as notas foram razoáveis para um aluno desse ginásio: italiano escrito, nota 6; italiano oral, nota 7; latim escrito, nota 6; latim oral, nota 7; grego escrito, nota 6; grego oral, nota 7; história, nota 8; geografia, nota 7; aritmética, nota 6; ciências, nota 6.

### **Primeiro ano de liceu<sup>10</sup> (out. 1908-junho 1909)**

Com o diploma de licença ginásial, inscreveu-se no Liceu Clássico Giovanni Maria Dettòri, em Cagliari, capital regional da Sardenha, onde já vivia e trabalhava o irmão Gennaro.

Em Cagliari os horizontes culturais eram mais amplos. O debate político era aceso. Publicavam-se aí três jornais cotidianos, *L’Unione sarda*, *Il paese* e o *Corriere dell’isola*. Publicava-se também um periódico semanal socialista *La voce del popolo* (Fiori, 1977, 59).

---

<sup>9</sup> Mesmo sendo uma escola municipal, não era credenciada para certificar ou outorgar diplomas oficialmente válidos. Era considerada escola privada.

<sup>10</sup> O “liceu” corresponde hoje no Brasil à fase escola do Ensino Médio.

O Liceu que Gramsci frequentava era uma escola pública, onde, apesar de várias deficiências, transmitiam-se conteúdos com rigor. Em carta ao pai (5 janeiro 1909), Gramsci diz viver com animação esse novo momento escolar:

Na escola estou indo de vento em popa; pelo que sei, em latim terei na média sete ou oito, em italiano não tenho nota porque falta o professor e nas outras disciplinas igualmente bem. (Gramsci, 2009, 11).

No primeiro ano, o resultado principal devia ser compensar as deficiências do ensino do Ginásio. As condições materiais de vida continuavam difíceis, sobretudo, pela falta de dinheiro e de livros. Vejamos um depoimento de um colega de sala, Renato Figári:

Nunca vi Nino Gramsci vestir um casaco. Vestia sempre a mesma roupa, as calças estreitas e curtas e uma jaqueta muito apertada. Nos dias frios, chegava para a aula com um cachecol de lã bem enrolado por dentro da jaqueta. Não tinha livros ou não os tinha todos. Mas prestava atenção nas lições; o ajudava, além de uma grande inteligência, uma memória poderosa. Eu estava sentado na carteira de trás da dele: o via tomar apontamentos com caligrafia miúda. Às vezes, ocorria que um de nós, ou mesmo o professor, lhe emprestássemos os livros. (Fiori, 1977, 60).

Nas cartas desse ano, quase todas endereçadas ao pai, insiste dolorosamente para receber o dinheiro prometido que, infelizmente, de novo, nunca chegava na quantidade e na hora combinadas. São cartas amargas, com expressões irônicas fortes, raivosas. Todavia, essa relação com o pai era necessária. Por isso, escrevia-lhe com frequência para informar dos resultados escolares. Alguma poucas vezes utilizou palavras compreensivas, afetuosas, como:

Caríssimo pai, jamais o teria incomodado por todo o ouro do mundo porque entendo todos os sacrifícios que faz, aos quais, pelo que posso, tento corresponder, mas, a necessidade imperiosa e a extrema precisão me dão uma coragem de leão. Imagino sua cara após essa introdução: dinheiro, claro. (Gramsci, 2009, 18).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup>Considero plausível algum paralelismo entre Antonio Gramsci e Pier Paolo Pasolini, inclusive, nas relações com o pai. Referindo-se a Carlos, protagonista do romance *Petrolio* explicitamente identificado com o pai, Pasolini escreve: “Carlos, que toma nome de meu pai, é um homem dividido e (como diz Lukács) problemático: (...) Ele é um engenheiro: se, portanto, é suficientemente intelectual para viver as contradições sociais e políticas de nosso tempo, não o é suficientemente para vivê-las com aquela consciência que garante a unidade do indivíduo fazendo do estado esquizoide um estado natural e da ambiguidade um modo de ser.” (Pasolini, 2014, 32). Ver também, Rocco Lacorte. *In: Scrittori inconvenienti*, Ravenna, 2009.



## **Segundo ano de liceu (out. 1909 – junho 1910)**

No segundo ano de Liceu, Gramsci havia adquirido maior segurança. Estava mais adaptado e, em parte, havia remediado ao prejuízo dos insuficientes estudos do Ginásio. Estava retomando o gosto de viver. Vale a pena citar, para termos uma ideia de sua nova ambientação, um pequeno trecho de um depoimento do advogado, Dino Frau, companheiro de pensão:

Uma noite, todos nós pensionistas fomos convidados para seu quarto. De lá chegavam cantos e músicas. Encontramos bastante gente desconhecida, quase todos do interior. Cantavam. Alguém dançava. No meio, estava Gramsci, absorvido na execução de danças populares sardas com um pequeno órgão de fole. (Fiori, 1977, 61).

Limitações para os estudos não provinham somente da falta de dinheiro, de livros e de condições pessoais adequadas, eram também causadas por deficiências da Instituição, fundamentalmente séria, mas não isenta de problemas. Os estudantes do Liceu organizaram uma greve no final de novembro contra a situação ruínosa das salas de aula e a falta de docentes:

A greve - escreve Gramsci ao pai – se encerrou pacificamente, com exceção da quebra de uma dúzia de vidros; o professor de Italiano, porém, ainda não veio e quem sabe quando virá. Conforme o perfil dele, eu tentarei os exames de licença liceal, porque me disseram que, talvez, possa fazê-lo. (Gramsci, 2009, 30).

Suas condições materiais, somadas às dificuldades burocráticas, impediram-no de antecipar esses exames de licença liceal, embora as notas do 1º trimestre (janeiro) fossem boas: Italiano (sem nota por falta de docente); latim 7-8; grego 8-8; física 6; filosofia 6; cultura grega 8; história 8; história natural 6. (Gramsci, 2009, 35).

Finalmente, chegou o professor de italiano, Raffa Garzia, escritor e crítico literário. O mesmo que compôs a banca examinadora quando Gramsci conseguiu a licença de 5º ano primário em Ghilarza. Sua severidade disciplinar e o rigor nos estudos, para vários colegas não representavam “vantagens”, mas eram bem vindas para Gramsci e em breve

tempo os dois entraram em boa sintonia. (Fiori, 1977, 64). O professor era um animador da vida cultural na cidade de Cagliari e era também o diretor do Jornal *L'Unione Sarda*, do qual o pai era coproprietário (Gramsci, 2009, 464). O Prof. Garzia chegava a ler para a classe, em voz alta, composições de Gramsci, exemplares “não somente de estilo, mas também de clareza intelectual”. (Fiori, 1977, 64). Emprestava-lhe livros e o convidava para ir ao escritório onde funcionava a redação do jornal. Vale a pena destacar o nome deste professor de italiano porque, embora os dois discordassem em várias ideias, foi a pessoa chave para a iniciação profissional de Gramsci como jornalista. Com efeito, poucos dias antes de terminar o 2º ano de Liceu, o estudante foi conversar com ele:

Tinha 19 anos e gostaria, se possível, estreiar no jornalismo, escrevendo pequenas notas, talvez breves correspondências, sobre sua cidade durante as férias. Raffa Garzia concordou. Mas, em Ghilarza, já havia um correspondente. Gramsci poderia representar o jornal na cidade vizinha, Aidomaggiore. (Fiori, 1977, 68).

De férias, logo em seguida, Gramsci recebe (21 de julho) a seguinte correspondência:

Gentilíssimo Senhor Gramsci - Ghilarza. Eis a carteira [profissional] desejada. Será bem vinda sua colaboração: envie-nos agora, e no futuro, todas as informações de público interesse e Lhe seremos gratos nós e os leitores. Afetuosamente. R. Garzia. (Gramsci, 2009, 46).

Cinco dias depois, de Aidomaggiore, Gramsci, embrião de jornalista, envia para o jornal *L'Unione Sarda* a primeira correspondência assinada e publicada com o título *A propósito di una rivoluzione* (Gramsci, 2009, 46). É uma pequena nota de poucas linhas de pura ironia. A própria palavra ‘revolução’ é empregada ironicamente. Defende a legislação eleitoral, recentemente aprovada, que permitia o sufrágio universal masculino para eleger prefeito e vereadores. Mas isso, que representava um pequeníssimo “avanço” da democracia, era suficiente para assustar os poderes locais, ridiculamente temerosos da sublevação popular. Transcrevemos a nota integralmente:

Nas cidades vizinhas correu voz que em Aidomaggiore pelas eleições deveriam acontecer fatos grandes e terríveis. A população queria introduzir de repente o sufrágio universal, isto é, eleger prefeito e vereadores plebiscitariamente e parecia pronta para todo tipo de excesso. O tenente dos carabinieri de Ghilarza, Cav. Gay, seriamente preocupado com esses sintomas, fez chamar um inteiro corpo do exército, 40 carabinieri e 40

soldados da infantaria, ainda bem que sem canhões, e um Delegado da Pública Segurança (teria sido suficiente ele sozinho). Na abertura das urnas, a cidade estava deserta; eleitores e não eleitores, por medo de serem presos, tinham sumido, e precisou que as autoridades fossem de casa em casa para desentocar os faltosos. Pobres amendoinhas de Aidomaggiore! Bem pior do que a filoxera! São os soldados de infantaria! (Gramsci, 1910).

Por que destacamos o exórdio profissional de Gramsci? Porque, no percurso escolar básico, de formação geral, representou sua iniciação para a atividade especializada ou profissional. Todo percurso escolar básico e unitário tenciona para esse momento. A escolha de uma profissão envolve o corpo, a inteligência, a vontade, as informações, as condições materiais, mas também valores e tendências individuais. A lógica do mercado somada às necessidades individuais, frequentemente, interferem de forma traumática na escolha da profissão. O jovem, de per si, tende a inserir-se no coração da humanidade, não do mercado.<sup>12</sup> Em parte, e felizmente, o exórdio jornalístico de Gramsci, antes de completar o 3º ano do Liceu, aconteceu de forma espontânea e integrada à sua formação, tendência e valores, bem diversamente de quando a necessidade financeira o forçava a passar horas no escritório do cadastro e a ministrar inúmeras e sofridas lições particulares de recuperação.<sup>13</sup> Mais tarde, no caderno 12 do cárcere, com base nesse *debut* profissional, pode escrever: “Nesta fase [escolar] se colhem as indicações orgânicas para a orientação profissional.” (Gramsci, 1975a, 1537-38). Em suma, no 2º ano de Liceu, esse nosso jovem vinha conquistando maior autonomia intelectual: lia de tudo, mas já escolhia seus autores preferidos. Conta Gennaro:

Eu tinha voltado do serviço militar, em Torino, transformado em socialista militante. (...) Uma grande quantidade de material propagandístico, livros, jornais, opúsculos, entrava em nossa casa. Nino, que na maioria das vezes passava as noites fechado

---

<sup>12</sup> Karl Marx, com 17 anos, nos exames de licença ginásial em Trier para entrar na Universidade de Bonn, escreveu a composição: *Observação de um jovem na escolha de uma profissão (1835)*. Escreve: “Se um homem trabalha somente para si, é bem provável que ele possa se tornar um erudito famoso, um grande sábio, um excelente poeta, mas jamais um Homem completo, verdadeiro e grande. (...) Se nós elegemos uma profissão na qual podemos trabalhar o máximo para a Humanidade, então os fardos não podem nos abater, pois eles representam sacrifícios (feitos para o bem) de todos; então não usufruímos de qualquer alegria pequena, limitada e egoísta, antes, nossa felicidade pertence a milhões, nossos atos, embora silenciosos, continuarão a fazer efeito, e nossas cinzas serão umedecidas pelas lágrimas candentes dos Homens nobres.” (In: Caldas, M.J. de, 2007, 115).

<sup>13</sup> Durante as férias de verão (julho – agosto – setembro), além das poucas reportagens jornalísticas, para ajudar nas despesas escolares, novamente precisou se empregar na Agência do Impostos Diretos (Cadastro) e ministrar aulas particulares de recuperação (Gramsci, 2009, 424).

no quarto, sem sequer sair por uns poucos momentos, em pouco tempo lia aqueles livros e jornais. (Fiori, 1977, 65).

Também a irmã Teresina diz que, naquele período, Nino a havia encarregado de recortar os textos dos escritores que mais o interessavam, sobretudo, de Croce e Salvemini. (Fiori, 1977, 66). Mas lia também textos de Marx, como conta em uma carta a Giulia, de março de 1924:

O que foi que me salvou de tornar-me um trapo engomado? O instinto de revolta contra os ricos, porque, quando criança eu não podia ir à escola, eu, que havia tirado 10 em todas as disciplinas nas escolas elementares, enquanto podiam ir à escola os filhos do açougueiro, do farmacêutico, do comerciante de tecidos. Eu pensava, então, que precisasse lutar para a independência nacional da região: ‘Ao mar os continentais!’, quantas vezes repeti essas palavras. Mais tarde, conheci a classe operária de uma cidade industrial e entendi o que realmente significavam as coisas de Marx que havia lido antes por curiosidade intelectual. (Gramsci, 1992, 271).

### **Terceiro ano de Liceu (out. 1910 – junho 1911)**

O nosso estudante de 20 anos, apesar das limitações materiais e de saúde, obtém no 3º ano do liceu ótimos resultados escolares. Também, segue, solidário e crítico, o irmão Gennaro, envolvido, cada vez mais, na política partidária: era tesoureiro do Partido Socialista, cuja bandeira de luta era a independência da região contra o colonialismo.

Informações sobre as atividades políticas do filho chegaram até Ghilarza e preocuparam o pai a ponto deste querer viajar até Cagliari para entender melhor a situação e alertar o filho. Em carta à mãe, Gramsci a tranquiliza e insiste para que o pai não cometa a loucura de viajar até Cagliari. Esta carta nos dá também uma pequena demonstração de como Gramsci participava da vida estudantil, inclusive com tons goliardescos, como quando no teatro de Cagliari zombou dos guardas:

Caríssima Mãe. Respondo-lhe logo para que realmente o pai não cometa a loucura de vir aqui. Vocês se assustam porque a polícia solicita informações sobre alguém? Não é o caso de esquentar. Quem sabe o que vocês imaginam: que Gennaro esteja talvez na cadeia ou entre 4 policiais. Fiquem tranquilos que nada disso vai acontecer.

Na noite passada, fui repreendido porque, na galeria [do teatro], admirava em voz alta os magníficos bigodes de um guarda policial: eu respondi que cortasse os bigodes se não gostava dos comentários. E daí? Pela minha esplendorosa juba que ondula a cada sopro, me confundiram com uma moça e estranharam que uma mulher fizesse tanto barulho no teatro; com efeito, viam somente a cabeça e as mãos que reproduziam um barulhento ‘pum’. Eu nem liguei, aliás, agradei pela atenção que me prestavam. Mas tudo bem. Desde que não me algemem, podem perguntar todas as informações que desejarem. Beijos a todos da casa e enxugue as lágrimas de toda a família e viva tranquila. Beijos também de Nannaro que, após esse fato, adquiriu muito apetite. Nino. (Gramsci, 2009, 51).

Este último ano de liceu apresenta o aluno Gramsci mudado psicologicamente: se o sofrimento infantil encontrou consolo no carinho de adultos queridos, hoje, a cultura clássica, profunda, “extrema”, permitindo-lhe compreender o sentido da história, lhe proporciona a catarse da autonomia intelectual: não mais se vê súcubo na história, mas ator e protagonista.

O texto mais emblemático que reflete a formação literária e política desse momento é a conhecida composição na disciplina de Italiano *Oppressi ed oppressori*. O prof. Raffa Garzia, adoentado, solicitara um período de licença. Para substituí-lo, foi nomeado o Prof. Vittorio Amadeo Arulani que avaliou a composição atribuindo-lhe nota 9<sup>14</sup>. Eis um trecho:

É realmente maravilhosa a luta que a humanidade combate há tempo imemorable; luta incessante, com a qual busca arrancar e romper todas as amarras que a cobiça de dominação de um só, de uma classe, ou mesmo de um povo inteiro, tenta impor-lhe. (...) E quem sabe por quanto tempo ainda durará este contraste. Carducci interrogava-se: ‘Quando o trabalho será contente? Quando seguro será o amor?’. Ainda espera-se uma resposta e quem sabe quem saberá dá-la. (...) A Revolução francesa abateu muitos privilégios, levantou muitos oprimidos; mas não fez mais do que substituir uma classe por outra. Porém, deixou uma grande lição: que os privilégios e as diferenças sociais, sendo produto da sociedade e não da natureza, podem ser superados. A humanidade necessita de um novo banho de sangue para cancelar muitas dessas injustiças: que os dominantes não venham a arrepender-se por ter abandonado as multidões num estado de ignorância e de ferocidade tal como estão agora! (Gramsci, 1973, 53-54-55).

---

<sup>14</sup> Na tradicional cultura escolar italiana, a nota nove (9) em redação (composição) de “italiano” era considerada nota muito elevada.

Gramsci reflete sobre a dialética de oprimidos e opressores. A Revolução Francesa, diz, foi um percurso histórico inacabado que, portanto, continuará até mesmo com novos banhos de sangue. É um texto em que se vislumbra a influência de leituras marxistas, mas que, sobretudo, “evidencia o protesto gramsciano em favor das legítimas aspirações da população da ilha para uma existência livre e digna.” (Bergami, 1976, 34).

Seu apreço pela cultura geral era grande, tanto que, lembrando esses anos em carta a Giulia, lamentava ter sido obrigado a “escolher”, no primeiro ano do Liceu, a disciplina “grego” ao invés da matemática (então havia essa opção). Mas, o absurdo dessa “opção curricular” se evidenciava agora, no terceiro ano, nas aulas de física:

No 3º ano de liceu, precisava, para estudar física, conhecer os elementos da matemática que os alunos que haviam optado pelo grego, não tinham obrigação de saber. O professor de física, que era pessoa muito distinta, divertia-se bastante pondo-nos em situação embaraçosa. Na última prova oral do terceiro trimestre, me propôs questões de física ligadas à matemática advertindo que, dependendo da exposição que faria, dependeria a nota média do ano e, portanto, o conseguimento da licença liceal com ou sem ulteriores exames. Divertia-se muito a me ver ao quadro-negro onde me deixou por todo tempo que precisasse. Fiquei meia hora ao quadro-negro, pelo pó do giz fiquei branco do cabelo aos sapatos, tentei, voltei a tentar, escrevi, apaguei, mas, finalmente, ‘inventei’ uma demonstração que foi aceita pelo professor como ótima, embora inexistente nos tratados. Esse professor conhecia meu irmão Gennaro e me atormentava com suas risadas durante todo tempo do colégio, chamando-me *o físico grecizante*. (Gramsci, 1975, 201-202).

No final do ano, Gramsci foi informado que a Fundação Albertina (o *Regio Collegio Carlo Alberto*) abria, para concurso, 39 bolsas de estudo pelo valor de 70 liras mensais, com o objetivo de selecionar alunos pobres das antigas províncias do Reino Sardo para prosseguirem nos estudos universitários. Requisito necessário para a obtenção da bolsa era também a exigência de que, entre as notas finais do último ano do liceu, não houvesse nenhuma inferior a 8. Para Gramsci, esse requisito estava garantido: italiano escrito 9, oral 8; latim escrito 8, oral 8; grego 8, cultura grega 9; história e geografia histórica 8; filosofia 8; história natural 8; física 8. (Gramsci, 2009, 54). As bolsas eram poucas e 70 liras mensais, certamente, não resolveriam o problema da sobrevivência e aquisição dos livros. Mesmo assim, aquela bolsa era a única possibilidade para ir à Universidade.

Calculava-se que a família (pai e irmão), as lições particulares, o emprego nas férias, complementariam.

Foi necessário, então, preparar-se para o exame do concurso cujo conteúdo vertia sobre todas as matérias dos três anos do Liceu. Empresa muito difícil, para quem, encontrando-se fragilizado em saúde, só dispunha dos três meses de férias para estudar. Foi para a casa do tio (em Oristano) o qual pretendia ajudá-lo. Infelizmente, lá precisaria ser “preceptor de um desgraçado priminho”, conforme expressão utilizada de forma zombeteira pelo colega Agostinho Careddu (Gramsci, 2009, 59). Gramsci relembra o fato em carta ao irmão Carlos, em 1927:

Aí permaneci um mês e meio e quase fiquei louco. Não podia estudar para o concurso porque Délio [o primo] absorvia-me completamente e a preocupação, junto com a fraqueza me fulminavam. Fugi escondido. Tinha só um mês para estudar. (Gramsci, 2009, 61).

No mês de outubro, Gramsci viajou a Turim para prestar os exames e concorrer à bolsa. Houve a prova escrita de Italiano, de História, de Latim, tradução do Grego, tema escrito de Filosofia. No dia 27, teve a argüição oral e, no dia 28, a comissão examinadora publicou a classificação final: o nome dele estava em 9º lugar, com nota 7,51 (Gramsci, 2009, 424).

### **Na Universidade de Turim**

É unânime a opinião dos historiadores sobre a importância e o prestígio científico cultural da Universidade de Turim entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Quanto a isso, Gramsci teve sorte. Angelo d’Orsi, no ensaio *Lo studente che non divenne dottore. Antonio Gramsci all’università di Torino*, cita opiniões importantes sobre essa Universidade, como a de Robert Michels, que a denomina *Alma Mater torinese*:

Turim, em suma, entre os dois séculos, emerge como cidade de estudos, de intelectuais acadêmicos, de revistas científicas; cidade de cultura provavelmente universitária e escolar, isto é, em todo caso, educativa e didática. Mas, junto a isso, cidade de cultura com forte vocação civil, com sensível abertura política. E, muitas

vezes, as duas vocações, a de cidade de estudo e a de cidade de política, estão intimamente ligadas. (D’Orsi, 1999,44).

### **Primeiro ano acadêmico (1911/1912)**

No dia 16 de novembro de 1911, Gramsci é matriculado em Filologia Moderna, na Faculdade de Letras da Universidade estatal, em Turim. Era procurado por colegas como “forte apoio” nos estudos. Da cidade de Lavagna (Ligúria), escreveu-lhe Giosia Monteverde, colega que participara com ele ao concurso para a bolsa de estudo e, em breve, voltaria a Turim onde o reencontraria:

Caro Gramsci, [...] pena ter que voltar [a Turim], mas a pena seria bem maior se nós dois não nos tivéssemos encontrado antes e não tivéssemos já traçado um plano de vida em comum. Preparei um plano de grego e latim bastante duro, mas o cumprirei, porque, como lhe disse, em Turim quero ir para frente a qualquer custo. [...] Eu lhe considero como um forte apoio à minha índole, que se cansa demais. (Gramsci, 2009, 68).

O colega quer garantir-se a ajuda de Gramsci para estudar, a ponto de desejar que Nino fique sem muitos amigos, dessa forma: “Trabalharemos melhor nós dois e nos distrairemos muito menos” (*idem ibidem*). Caracteriza Gramsci com a expressão *forte ritegno*, que significa ao mesmo tempo “um forte freio” e também “força, guia”, ou seja, esse colega vê em Gramsci uma liderança moral enérgica, mas muito bem aceita.

Para essa nova etapa escolar, Antonio estava muito motivado. Escreve à família para lhe enviar livros, dicionários, atlas e a coleção dos clássicos *Cultura dell’anima*, criada por Giovanni Papini etc. (Gramsci, 2009, 72). Infelizmente, também aqui as condições materiais são precárias: quase sem dinheiro, sem roupa adequada ao frio do Norte da Itália, mal nutrido, sem livros, sofre frequentes e fortes enxaquecas. Mesmo assim, seguia todos os cursos obrigatórios: Literatura italiana, Literatura latina, Literatura grega, História moderna, Glotologia, Gramática latina e grega, Geografia. Segue, ainda, os cursos complementares e livres de Literatura latina e História moderna. Há depoimentos



que afirmam ter ele cursado também História da Arte e outros cursos na Faculdade de Jurisprudência. (Gramsci, 2009, 424-425).

Como nos bancos escolares do segundo ano do liceu nasceu o jornalista, nos do primeiro ano da universidade nasce o linguista. Nos dois casos, a especialização ou profissionalização foi oportunizada, de forma pessoal e individualizada, pela relação de estima, trabalho e afeto amigável com um professor.<sup>15</sup> Agora é o Prof. Matteo Giulio Bártoli, docente de glotologia, estudioso do fenômeno dialetal, a interessar-se com intelectual simpatia pelo estudante Antonio Gramsci, até porque este falava perfeitamente o dialeto sardo que, para Bártoli, tinha especial importância na explicação da transição histórica do latim vulgar para as várias linguagens modernas. Nino, em cartas aos familiares, sobretudo ao pai e à irmã Teresina, por solicitação desse professor, pedia que traduzissem para o dialeto sardo listas de palavras. Eram verdadeiros exercícios de iniciação à pesquisa em linguística. Na disciplina de glotologia, Gramsci ficou encarregado de cuidar das apostilas (sebentas). (Gramsci, 2009, 118-125).

A decisão de especializar-se em linguística foi algo muito sério para Gramsci. Prova disso é que, se tivesse tido condições para terminar a faculdade, pretendia defender tese sobre a história da linguagem “onde aplicaria - diz - o método crítico do materialismo histórico.” (Montonato, 1998, p. 29). E mais: na carta do cárcere de 19 de março de 1927 à cunhada Tatiana, onde arrola quatro eixos temáticos de estudos que pretendia desenvolver *für ewig*, o segundo eixo é “Um estudo de linguística comparada.”(Gramsci, 1975, 58).

Um pouco triste, um pouco brincando, referindo-se ao fato de ter interrompido os estudos universitários, comenta:

Um dos maiores “remorsos” intelectuais de minha vida é a profunda dor que causei ao meu bom professor Bártoli da Universidade de Turim que acreditava ser eu o arcanjo destinado

---

<sup>15</sup> A relação individual entre professor e aluno mereceu atenção de Gramsci. No Caderno do cárcere n. 12, reflete sobre o valor pedagógico dessa relação. Escreve: “Por isso pode-se dizer que na Escola o nexó instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o professor compreende as contradições entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos e está consciente de sua tarefa que consiste no apressar e disciplinar a formação da criança correspondente à luta do tipo superior contra o tipo inferior.” (Gramsci, 1975a, 1542).

a derrotar definitivamente os ‘neogramáticos’ (Gramsci, *idem ibidem*).

Mas, a evidência maior de que a glotologia foi para ele opção realmente muito séria é a centralidade teórica que a ciência da linguagem tomou na concepção da filosofia política de Gramsci: verdadeiro campo e instrumento da luta política entendida como luta pela hegemonia ou pela unificação cultural do gênero humano (Schirru, 2008).<sup>16</sup>

Além do Prof. Bártoli, Gramsci, em seus escritos, frequentemente e com afeto, mesmo às vezes discordando nas ideias, relembra vários outros professores,<sup>17</sup> entre os quais não é possível aqui deixar de destacar o nome do professor de literatura italiana, Umberto Cosmo, que já havia sido seu professor de italiano no Liceu Dèttori de Cagliari (Fiori, 1977, 86). A esse professor, Gramsci, do cárcere, continua a solicitar “conselhos” sobre literatura: “Cara Tânia, (...) hoje quero esboçar o esquema sobre o Cântico X para enviar, a fim de obter conselhos do meu velho professor de Universidade [Umberto Cosmo]”. (Gramsci, 1975, 489).

Há cartas de colegas, enviadas ao próprio, significativas para enriquecer o retrato psicológico do nosso universitário. Nos meses de verão (férias escolares), Gramsci e a maioria dos colegas, sobretudo os bolsistas, voltavam para as famílias, para comer as comidinhas da mãe, passear e, ainda, muito estudar. Ministravam também aulas particulares e, às vezes, se empregavam em serviços temporários para juntar algum dinheiro. O colega Cesare Berger escreve-lhe, em julho, de Pinerolo: “Caríssimo, [...] Fique alegre e cultive sempre aquele seu humorístico espírito satírico que muitas vezes me reanimou”; em setembro, volta a repetir: “Caríssimo amigo, [...] fique alegre e sempre de bom humor, conservando seu espírito original (Zarathustra)”. (Gramsci, 2009, 104 e 113).

---

<sup>16</sup> Consoante essa assertiva, Rocco Lacorte escreve que em Gramsci o conceito de ‘tradutibilidade’ é revolucionário, pois ilumina o conceito de filosofia da práxis “cujo objetivo fundamental é realizar uma grande reforma intelectual e moral das massas populares, por meio de um trabalho político-pedagógico-cultural, de modo a *traduzir* suas lutas e aspirações em uma nova e revolucionária filosofia e realidade.” (Lacorte, 2014, 59-60).

<sup>17</sup> Outros docentes: Ettore Stampini, Angelo Taccone, Pietro Fedele, Luigi Valmaggi, Luigi Hugues, Pietro Toesca, Giampietro Chironi, Luigi Einaudi, Giovanni Pacchioni, Francesco Ruffini, Rodolfo Renier, Zino Zini, Vittorio Cian, Arturo Farinelli, Rodolfo Mondolfo, Italo Pizzi, Federico Olivero, Giovanni Vidari, Annibale Pastore (Gramsci, 2009, 424-426).

Há três cartas desse mesmo período, assinadas por outro grande amigo de Gramsci, Angelo Tasca. A importância delas é especial, pois refletem o perfil da militância política de Gramsci. Além de colegas de curso, Tasca e Gramsci eram militantes do Partido Socialista. Na carta de 29 de julho/ 03 de agosto de 1912, Tasca se reporta às conversas de ordem política principiadas em Turim. Solicita dele com insistência uma longa carta para conhecer seus planos e projetos. Informa-o, confiante na concordância, sobre a participação no Congresso Juvenil Socialista Torinense (28/07/1912), onde havia proposto nada menos que se dissolvesse aquela Federação Juvenil “para– diz– reconstruí-la com objetivos permanentes de cultura...” (Gramsci, 2009, 109). Mal passado um mês, Tasca envia para Gramsci outra longa carta que evidencia a profunda estima e o afeto entre os dois. Termina escrevendo:

Falar-lhe-ei longamente de uma ideia que já está em plena maturação e que, sem dúvida, receberá toda sua simpatia. Trata-se de um cenáculo de estudos e de arte, de preparação cultural... (Gramsci, 2009, 112).

Em 3 de outubro, Gramsci, ainda em Ghilarza, recebe a terceira carta do amigo que, após aconselhá-lo sobre uma nova residência ao chegar a Turim, revela existir entre eles um sonho político comum:

Depois de algum tempo colocaremos as coisas em seu lugar e poderemos realizar o nosso sonho que é, para mim, pelo menos, uma verdadeira necessidade espiritual. (Gramsci, 2009, 115, sublinhado no original).

A posição política que Tasca defenderá no IV Congresso Nacional da Federação Italiana dos Jovens Socialistas, em Bologna (20/23 de set. de 1912) valeu-lhe, por parte de Amadeo Bordiga, a crítica de “culturismo”. (Gramsci, 2009, 115).

### **Segundo ano acadêmico (1912/13)**

Gramsci retornou a Turim em fins de outubro e matriculou-se nas disciplinas obrigatórias: Literatura italiana, Literatura latina, Literaturas neolatinas, História moderna, Filosofia moral. Entre as disciplinas complementares e livres, matriculou-se em: Magistério de literatura latina, Magistério de literatura italiana, Magistério de literatura grega, Magistério de gramática latina e grega, Legislação escolar. (Gramsci, 2009, 425). No

início de novembro, apresenta-se para os exames da seção outonal. Exame de Geografia (30/30), de Glotologia (30/30 com louvor) e de Gramática grega e latina (27/30).<sup>18</sup>

Muda de residência, atendendo ao conselho do amigo Tasca, para a rua San Mássimo, num quarto alugado por Carlo Gribodo (Gramsci, 2009, 425). Do final do mês de dezembro até meados de janeiro esteve doente, com um princípio de bronquite. Amigos e familiares, inclusive o pai, escrevem, desejando-lhe pronto restabelecimento.

Presumivelmente, o fato mais importante deste ano para a formação intelectual e política de Gramsci foi a greve dos metalúrgicos que se estendeu de 19 de março até 23 de junho: noventa e seis dias de luta. (Fiori, 1977, 95-96). Togliatti, colega da mesma Universidade, do curso de Jurisprudência, referindo-se a Gramsci, conta como este ficara muito marcado pela greve:

De manhã, quando deixávamos as salas de aula e do pátio, saíamos para as arcadas dirigindo-nos em direção ao Pó [rio]; encontrávamos multidões de homens diferentes de nós que iam por aquele caminho. Uma turma que se dirigia para o rio e nos parques de suas margens... e aí íamos nós também em companhia daqueles homens; ouvíamos suas conversas; falávamos com eles e nos interessávamos por sua luta. Pareciam, à primeira vista, diferentes de nós estudantes; parecia outra humanidade. Mas, outra humanidade não era. (Togliatti, *in* Fiori, 2007, 95, 96).

De setembro a outubro de 1913, recebe mais duas cartas do colega César Berger e três de Angelo Tasca que merecem atenção. São cartas relativamente longas que ilustram como os pares olhavam para Gramsci, isto é, o tipo de liderança que exercitava bem como a evolução de sua formação cultural e política. Cesar Berger escreve confidenciando uma frustração amorosa, o tédio das férias longe de Turim e diz estar escrevendo um longo ensaio sobre as condições de sua cidade provinciana. Diz ainda estar lendo Nietzsche, Croce etc. e pede de Gramsci a indicação de um bom livro de psicologia. Relembrando os meses passados na Universidade, conclui: “Caríssimo Antonio, (...) agradeço de coração todos os bons conselhos e ajudas que me deu.” (Gramsci, 2009, 138).

---

<sup>18</sup>Na Universidade Italiana os conceitos/notas são atribuídos em “trigésimos”, assim, a nota máxima é 30/30. Acrescenta-se “com louvor”, quando o desempenho foi excelente.

As cartas de Tasca, politicamente, são mais explicativas. Seu autor é uma forte liderança política propositiva, enquanto Gramsci se mostra mais ponderado. Mas, a sintonia de pensamento político e de linguagem entre os dois é notável. No jornal *Il grido del popolo*, de 22 de janeiro de 1916, Gramsci, escrevendo o artigo *Pietro Gavosto* para homenagear o jovem homônimo do título, morto em guerra e membro do movimento juvenil socialista em Turim, reconhece a liderança de Angelo Tasca:

Saímos frequentemente em turma das reuniões de partido rodeando aquele que era nosso *leader* [Tasca]. Percorríamos as ruas da cidade já silenciosa, enquanto os últimos noctâmbulos paravam entreolhando-nos porque, esquecendo-nos de nós mesmos, com os ânimos ainda cheios de paixão, continuávamos as nossas discussões, entremeadas de propósitos ferozes, de retumbantes risadas, de galopadas pelo reino do impossível e do sonho. (Gramsci, 1980, 89-90).

Tasca estava cumprindo o serviço militar obrigatório (reduzido para 6 meses por ser filho único). A vida de caserna o incomodava, mas tentava contornar a situação:

Caro Gramsci, (...). O esforço de me recolher, de não fazer bobagens, de calar os impulsos de revolta (...), a observação continua das coisas e dos homens que estão no meu entorno, a vida de militar, deram-me uma maior virtude de ser eu mesmo, de não viver como biruta sacudido sempre ao soprar de todos os ventos.(Gramsci, 2009, 142. Sublinhado no original).

Poucas semanas depois, nova carta de Tasca explicita a proposta do projeto político comum:

[...] relacionam-se [nessa proposta] todas as nossas reivindicações. Eis a obra que eu reputo mais útil, preciosíssima para o sucesso da nossa Ideia. Em suma, eu creio que você deva completar sua cultura, enriquecendo-se de séria preparação filosófica (agilidade espiritual, solidez lógica, atitude de colher nas coisas as relações com o geral), com relação aos problemas sociais. Quando nós estivermos seguros para podermos dizer algo de novo, quanto estiver bem fundido todo o material da pesquisa na síntese que já está, diria quase, pronto *a priori* em nosso espírito, então nós nos apresentaremos. Por ora ficaremos vigilantes toda vez que a ação dos nossos companheiros nos pareça desviar. Gostaria, aliás, daqui a alguns anos, criar um jornal, o nosso jornal e criar um foco sempre vivo no qual todos, especialmente os jovens, poderão dar luz e ardor e para o qual

todos poderão contribuir. (...) você me ajudará. (Gramsci, 2009, 144, sublinhado no original).<sup>19</sup>

Os dois amigos discutiam muito sobre política, sobre socialismo e formação cultural. Prova disso é o livro *La guerre et la paix*, que Tasca, em 11 de maio de 1912, havia presenteado a Gramsci escrevendo no cabeçalho: “Ao colega de escola, hoje; ao colega de lutas, espero, amanhã.” (Gramsci, 2009, 145, nota 1).

### **Terceiro ano acadêmico (1913-1914)**

Além da citada greve dos metalúrgicos, marcante acontecimento para a formação política do Nosso foi a batalha eleitoral na Sardenha, pela primeira vez por sufrágio universal masculino<sup>20</sup>. Gramsci, de férias na Sardenha, participou vivamente dessa batalha, embora, nos últimos dias da campanha (as eleições ocorreram entre 26 de outubro e 2 de novembro de 1912), já estivesse em Turim para o terceiro ano acadêmico. Tasca, mais tarde, nas memórias, relata:

Antonio Gramsci estava de férias na sua Sardenha durante o período eleitoral e ficou muito impressionado pela transformação daquele ambiente causada pela participação das massas camponesas nas eleições, embora não soubessem e nem pudessem ainda se servir de forma autônoma dessa nova arma. Foi esse espetáculo e a meditação sobre o mesmo que tornou definitivamente Gramsci um socialista. Quando voltou a Turim no início do novo ano escolar, tive a confirmação do valor decisivo que tivera para ele essa experiência, que me descreveu numa longa carta que elaborou por conta própria, de forma autônoma e original.<sup>21</sup> (Tasca, *in* Gramsci, 2009, 148).

---

<sup>19</sup>Em maio de 1919, com Gramsci, Angelo Tasca será um dos fundadores do semanal *L'Ordine Nuovo*. (Gramsci, 2009, 508). Tasca e Gramsci, apesar de, mais tarde, tomarem posições políticas diferentes, como veremos, sempre concordaram num ponto: a revolução proletária precisa não apenas de organização, mas também de cultura extrema, isto é, máxima. Cultura superficial, temperada com noções da vulgata marxista, é insuficiente ou até prejudicial. Cfr. Gramsci “A universidade popular”(1916) e outros textos sobre o assunto.

<sup>20</sup> Podiam votar, pela primeira vez, todos os homens que tivessem feito o serviço militar. Sabe-se, porém, que cerca de 50% dos jovens/homens eram reprovados ao exame médico de acesso para o serviço militar, por razão de debilidade física, consequência de desnutrição e doenças. Mesmo assim, naquele ano, o eleitorado aumentou de 42.000 para 178.000. (Montonato, 1998, 33).

<sup>21</sup> De volta a Turim, Gramsci começou a frequentar o *Fascio Centro*. Pelo nome *Fascio* chamavam-se os grupos juvenis socialistas daquele tempo. O termo é derivado do latim medieval *fascium* (feixe), associação política e sindical.

Na abertura das urnas, em carta ao pai para pedir desesperadamente um empréstimo de 45 libras, pois a bolsa lhe seria suspensa enquanto não se apresentasse aos exames, acrescenta a seguinte linha:

Peça a Teresina que me envie uma relação detalhadíssima das eleições, com nomes e particulares, para que possa utilizar; que os fatos, porém, sejam certos e seja possível, em todo caso, citar algumas testemunhas. (Gramsci, 2009, 150).

Provavelmente, foi nessa oportunidade que se inscreveu ao Partido Socialista, seção de Turim. (Fiori, 1977, 102 e Gramsci, 2009, 425).

Para esse terceiro ano, matriculou-se nos cursos obrigatórios de Literatura italiana, Literatura latina, Literatura alemã, Literaturas neolatinas, História da filosofia, Sânscrito. Inscreveu-se também no curso complementar de Literatura inglesa. (Gramsci, 2009, 425). Nesse ano, por razões de saúde, não consegue se apresentar a nenhum exame, mas consegue permissão para apresentar-se na primavera do ano seguinte. Em fevereiro de 1913, publica o artigo *Per la verità* e, em coautoria com Tasca, *I futuristi*. Ambos aparecem no jornal quinzenal *Corriere Universitario* (Gramsci, 2009, *idem ibidem*).

Chama-nos a atenção, na carta citada (Gramsci, 2009, 144), o fato do amigo Angelo Tasca afirmar que Gramsci possuía “um espírito de corrosão”. No ano precedente, o amigo Berger o havia caracterizado com a expressão “Humorístico espírito satírico... Espírito original (Zaratustra)” (Gramsci, 2009, *idem, ibidem*). O que dizer sobre esses comentários dos colegas? Sem dúvida, para os amigos, a atuação de Gramsci era fortemente crítica, às vezes demolidora, mordaz e satírica, mas sempre com humor. Berger diz gostar disso por ser o amigo Gramsci um espírito que o animava. Tasca, também, elogia esse espírito, desde que, com o passar do tempo, o amigo chegue a dominá-lo, a “sentir-se dono, para poder superar as angústias do partido” (Gramsci, 2009, *idem ibidem*).

Com efeito, no meio acadêmico, Gramsci devia gozar de prestígio moral, inspirar respeitabilidade ou, talvez, até certo temor, claro, nas coisas sérias. Sua coerência, sua dedicação, sua inteligência e também seu sofrimento e carências materiais tornavam-no pessoa digna de respeito entre colegas e docentes. Pequena, mas significativa prova disso

foi uma sua intervenção em sala de aula, repreendendo publicamente nada menos que o professor Stampini. Conta Angelo D’Orsi, relatando um depoimento de Arícia, colega de sala de Gramsci:

Um dia, estando presentes na aula algumas freiras, alunas da secção de filologia clássica, demorando-se o Professor com particular complacência em comentário sobre verso poético obscuro, Gramsci o interrompeu com vibrantes palavras de indignada reprovação que no silêncio de todos os presentes soaram com tamanha autoridade que Stampini sentiu-se em dever de interromper o comentário e retomar a leitura do texto, sem dizer mais nada. (D’Orsi, 1999, 69-70).

Quiçá, o Nosso Nino lembrasse, naquela hora, com uma pitada de saudade, freiras da escola infantil de Ghilarza ou, simplesmente, não admitisse ironia desrespeitosa e gratuita sobre sentimentos populares de pessoas indefesas.

Na primavera (março e abril de 1914), Gramsci foi aprovado nos seguintes exames: Filosofia moral (25/30), História moderna (27/30), Literatura grega (24/30), voltando assim a receber sua bolsa de estudos (Gramsci, 2009, 426). Mas, a essa altura, o seu centro de interesse deslocava-se cada vez mais das salas de aula da Universidade para a sede do Partido Socialista e para os movimentos operários e estudantis. Escreve Gerratana:

Gramsci acompanha os grupos avançados de operários e estudantes (socialistas, libertários etc.) que constituem em Turim a fração da esquerda revolucionária e tomam parte ativa da grande manifestação operária de 9 de junho [1914], durante a ‘semana vermelha’. (Gerratana, *in*: Gramsci, 1975a, XLV).

O nacionalismo contaminava os movimentos sociais, aliás, o falso amor à Pátria foi sempre a fácil tentação ideológica e estopim para toda guerra:

Por ocasião do comício de Salvemini em Turim a favor da candidatura do socialista Mario Bonetto, no dia anterior ao escrutínio do desempate, [Gramsci] subscreve o manifesto dos estudantes antinacionalistas. (Gramsci, 2009, 426).

Um mês depois, em 28 de julho, foi declarada a 1ª guerra mundial, um dos maiores massacres da história humana. O conflito, inicialmente, envolvia interesses e razões



regionais (Império Austro Húngaro contra a Sérvia). De fato, acabou expressando cruamente as contradições culturais, econômicas, sociais e políticas mundiais. Nesse trágico cadinho incandescente, forjaram-se as duas principais hegemonias em conflito do século vinte: EUA e URSS.<sup>22</sup> A Itália permaneceu, de início, fora do conflito. Um artigo de Gramsci sobre a participação ou não da Itália à guerra foi publicado no jornal *Il grido del popolo*, em 31 de outubro 1914, com o polêmico título *Neutralità attiva e operante*. O amigo Tasca defendera a neutralidade absoluta. Mas, Gramsci via na posição de Tasca certo comodismo, um assistir inerte à guerra burguesa, posição do reformismo socialista. Conclui:

Em todo caso, que a cômoda posição da neutralidade absoluta não nos faça esquecer a gravidade do momento, nem permita que nos abandonemos, sequer por um instante, numa demasiada ingênua contemplação e renúncia budista dos nossos direitos. (Gramsci, 1958, p. 7).

Pagou cara sua ousadia. Foi acusado de interventista.<sup>23</sup> Afastou-se um pouco da política e do jornalismo, até porque, tendo perdido a bolsa de estudos, precisava, para sobreviver, dar inúmeras aulas particulares, pois, conseguira dar somente um exame na seção do outono, o bienal de Literaturas neolatinas, conseguindo nota 27/30. Mas, para continuar a receber a bolsa, teria que ter dado mais dois exames, o trienal de Literatura italiana e latina e o de Sânscrito.

#### **Quarto ano acadêmico (1914/15)**

No último ano acadêmico, Gramsci inscreve-se nas disciplinas obrigatórias de Literatura alemã e História da filosofia. Acompanha, também, as disciplinas complementares de Filosofia teórica e de Língua e literatura inglesa. (Gramsci, 2009, 426). Em abril de 1915, deu o exame de Literatura italiana (nota: 26/30). Será seu último exame. Mas ele não pretendia interromper de vez, pois:

de fato, continuou a estudar e manteve vivo o projeto de se laurear em glotologia, sob a direção de Matteo Bartoli, pelo menos até todo o ano de 1918 ou até os primeiros meses do ano seguinte. (Schirru, 2011, p. 926).

---

<sup>22</sup>As análises de Gramsci sobre 1ª Guerra Mundial aliam ao caráter testemunhal uma original profundidade reflexiva: ao mesmo tempo, são obra de um brilhante repórter jornalista e de um político filósofo.

<sup>23</sup> Sobre a acusação de “interventista”, há uma profunda análise no *Prologo* da obra de Rapone, 2011.

Apesar de interrompido, o 4º ano acadêmico não foi um ano de estudos perdidos. Teoricamente, o abandono do positivismo tinha sido, há tempos, uma etapa definitiva<sup>24</sup>. Mas, a questão nodal do marxismo, isto é, da dialética ou da tradutibilidade das ideias em prática e vice-versa, ainda precisava ser explicada e aprofundada. O próprio Prof. Bártoli, seu mestre estimado, apresentara-o nesse ano ao Prof. Annibale Pastore com as seguintes palavras: “Enche-o de filosofia, que merece. Tornar-se-á alguém. Quer aprofundar a doutrina de Marx.” (Fiori, 1977, 108). Pastore, que naquele ano dava um curso sobre a interpretação crítica do marxismo, relembra:

Gramsci entendeu logo a novidade [do meu curso] e viu assim aberto um novo caminho crítico, de crise e de revolução. Dei-lhe um curso em lições particulares. Sua orientação era originalmente crociana, mas já roía o freio e não sabia como e porque se destacar...queria entender o processo formativo da cultura para fins da revolução: a praticidade decisiva da teórica. Queria saber como o pensamento faz agir (=técnica da propaganda espiritual). Como o pensamento faz mover as mãos, e como e porque pode-se agir com as ideias. Estes foram meus primeiros ditos que o impressionaram... Outro ponto importante que o aproximaram a mim foi minha orientação em lógica experimental, com a invenção das técnicas, isto é, com a passagem do *homo sapiens* para o *homo faber*; do lógico para o engenheiro, para o técnico, o mecânico, o homem que opera as máquinas: do trabalho mental para o trabalho manual. Em suma, como excepcional pragmatista, Gramsci preocupava-se, sobretudo então, de bem entender *como as ideias tornam-se forças práticas*. (Pastore, in Fiori, 1977, 108-109).

Em 23 de maio de 1915, a Itália entrou em guerra. Dias antes, em 17 de maio, houve em Turim um levante popular contra o que, infelizmente, aconteceria poucos dias depois. Gramsci assistiu perplexo e horrorizado. Talvez pensasse: por que não interromper, por algum tempo, minha regular frequência às aulas e me jogar a tempo pleno na luta política por meio do jornalismo? Suas ideias originais e sua verve jornalística interessavam ao

---

<sup>24</sup>Antonio Labriola publicara, na Itália e na França, três importantes ensaios sobre o marxismo, criticando sua leitura positivista: *In memoria del manifesto dei comunisti* (1895); *Del materialismo storico – dilucidazione preliminare* (1896); *Discorrendo di socialismo e di filosofia* (1897). Os ensaios foram saudados com entusiasmo por muitos intelectuais europeus, sobretudo por Croce na Itália e Sorel na França que, em seguida, encaminharam-se em direção exatamente oposta ao marxismo de Labriola. Gramsci, ao contrário, que na Universidade lera Labriola no clima cultural influenciado por Croce, mais tarde, encontrou, justamente na leitura marxista do Labriola, inspiração para a crítica ao próprio Croce. (Gerratana, 1974, *Introdução, passim*).

Partido Socialista Italiano (PSI), que, obviamente, retribuiria financeiramente seu trabalho profissional.

No mês de outubro tomou a decisão. Profissionalmente, encontrara-se numa bifurcação: de um lado, conseguira a nomeação para o cargo de Diretor do Colégio Ginásial de Oulx, cidade próxima à fronteira com a França, e, de outro, foi-lhe oferecido o cargo de redator das recém-criadas páginas torinenses do importante jornal socialista italiano *Avanti*, com sede em Milão. Como Diretor do Colégio ganharia mais. Politicamente, porém, interessou-lhe mais o jornalismo militante. Precisava decidir. Conheceu a jovem Pia Carena que trabalhava tanto nesse jornal como no mais modesto *Il grido del popolo*, com o qual Gramsci havia retomado a colaboração assinando-se Alfa Gamma e Rakscia. Estabeleceu com Pia uma relação intelectual e amigável. A opção estava tomada: Gramsci deixava definitivamente de ser estudante universitário para se tornar jornalista profissional, redator responsável do caderno torinense do jornal *Avanti* e colaborador do *Il Grido del Popolo*.

### **Sinopse conclusiva**

O percurso formativo escolar de Gramsci, em síntese, foi o seguinte: na Sardenha, aluno da escola infantil, primária e fundamental, Nino sorveu profundamente a doce e sofrida linguagem da terra natal. No Liceu de Cagliari, capital regional da Sardenha, pelos estudos humanistas clássicos, nosso estudante do liceo aprendeu que as coisas danificadas pelos homens podem ser por eles consertadas. Em Turim, na universidade, nas fábricas e na militância do Partido Socialista Italiano, o estudante Gramsci se convenceu que o proletariado do campo e da indústria, por meio da organização e da cultura, pode se tornar o sujeito de uma nova ordem social.

### **REFERÊNCIAS E FONTES**

BERGAMI, Giancarlo. *Il giovane Gramsci e il marxismo*. Feltrinelli, Milano, 1976.

CALDAS, M.J. de. *Observações de um jovem na escolha de uma profissão ( K. Marx 1835)*. In: Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, R.J. : EDUR, v. 29, n. 2, p. 103-117, julho-dez., 2007.

D'ORSI, Angelo. *Lo studente che non divenne dottore. Gramsci all'Università di Torino*, in "Studi storici", XL, Torino, 1999, pp. 39-75.

FIORI, Giuseppe. *Vita di Antonio Gramsci*. Editori Laterza, Roma, 1977.

- GERRATANA, Valentino. *Del materialismo storico. Labriola*. Editori Riuniti. II<sup>a</sup> edizione, I<sup>a</sup> ristampa. Roma, 1974.
- GRAMSCI, Antonio. *A proposito d'una rivoluzione*, in : “ L'Unione Sarda”, a. XXII, n.196, 26 luglio, p. 2, Cagliari, 1910.
- GRAMSCI, Antonio. *Cronache torinesi, 1913-1917*. Sergio Caprioglio. Giulio Einaudi Editore, Torino, 1980.
- GRAMSCI, Antonio. *Scritti politici*. vol.I. A cura di Paolo Spriano. Editrice Riuniti, Roma, 1973.
- GRAMSCI, Antonio. *Scritti Giovanili 1914-18*. Giulio Einaudi Editore, Torino, 1958.
- GRAMSCI, Antonio. *Lettere dal cárcere*. Sergio Caprioglio e Elsa Fubini. Giulio Einaudi Editore, Torino, 1975.
- GRAMSCI, Antonio. *Lettere 1908-1926*. Curadas por Antonio A. Santucci. Giulio Einaudi Editore, Torino, 1992.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere vols. I, II, III, IV*. A cura di Valentino Gerratana, Einaudi Editore, 1975a.
- GRAMSCI, Antonio. *Epistolario I. Gennaio 1906-dicembre 1922*, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, 2009.
- LACORTE, Rocco. *Sobre alguns aspectos da 'tradutibilidade' nos Cadernos do Cárcere de Antonio Gramsci e algumas das suas implicações*. Educação e filosofia, Uberlândia, v. 28. N.55, p.59-98 Jan./junho 2014.
- LACORTE, Rocco, *Sulla presenza dei concetti di “traducibilità”, “língua” e “rivoluzione passiva” di Antonio Gramsci in Petrólio di Pier Paolo Pasolini*. In: “Scrittori inconvenienti”. Longo Editore, Ravenna, Italia. 2009.
- LALO, Laurana. *Antonio Gramsci, uma vida*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.
- MONTONATO, Gigi. *Il giovane Gramsci. 1891-1922*. Congedo, Lecce, 1988.
- PASOLINI, Pier Paolo. *Tutte le poesie \**. I Meridiani, Arnoldo Mondadori Editore, Milano, 2003.
- PASOLINI, Pier Paolo. *Petrólio*, Ed. Oscar Mondadori, Milano, 2014.
- RAPONE, Leonardo. *Cinque anni che paiono secoli*. Antonio Gramsci dal socialismo al comunismo. Carocci Editore, Roma, 2011.
- SCHIRRU, Giancarlo. *La categoria di egemonia e il pensiero linguistico di Antonio Gramsci*. In: Egemonie, a cura di Angelo d'Orsi, Libreria Dante e Descartes, Napoli, 2008.
- SCHIRRU, Giancarlo. *Antonio Gramsci studente di linguistica*. Studi Storici. Rivista trimestrale dell'Istituto Gramsci, LII 2011, pp. 925-73.

RECEBIDO EM 12-03-2017

APROVADO EM 07-10-2017